



A educação em São Boaventura

Luis Alberto De Boni

Universidade do Porto, Praça de Gomes Teixeira, 4099, Porto, Portugal. E-mail: ladeboni@gmail.com

RESUMO. Cada época teve seu próprio modelo, ou melhor, seus próprios modelos de educação. Embora possamos dizer que a civilização ocidental, de um modo ou de outro, é toda ela devedora a uma visão cristã do mundo, contudo, é preciso levar em consideração o modo como essa influência atuou na sociedade. Ora, os medievais quase não escreveram tratados específicos sobre o tema; não houve entre eles nenhum Piaget. Sendo eles teólogos e vivendo num mundo envolto pela placenta cultural da fé, preocuparam-se com o que deveria ser ensinado e como deveria ser ensinado. Já Santo Agostinho (2005), no *De catechizandis rudibus* (De como catequizar os simples) tratava tanto dos problemas de linguagem e de comunicação, como do conteúdo a ser ensinado. No presente texto, atendo-me aos ensinamentos de São Boaventura. Na qualidade de Ministro Geral da Ordem franciscana, redigiu diversos tratados sobre o tema. Atenho-me, sobretudo, à *Regula novitiorum* (Regra de vida dos noviços), à *De perfectione vitae ad sorores* (Sobre a perfeição da vida), complementando eventualmente com a *Epistola continens viginti quinque momorialia* (Carta contendo vinte e cinco temas a serem lembrados).

Palavras-chave: história medieval, educação, São Boaventura.

Education in St. Bonaventure

ABSTRACT. Each time has its model, or rather, its models of education. While we can say that Western civilization, in one way or another, is liable to an entire Christian worldview, however, one must take into consideration how this influence played in society. Now, the medieval men hardly wrote treatises on the specific topic; between them there was no Piaget. Being theologians and living in a world surrounded by cultural placenta of faith, they were concerned with what should be taught and how it should be taught. Already St. Augustine, in *De Catechizandis rudibus* (On how to catechize the simple), wrote about both the problems of language and communication, as well as the content to be taught. In this text, I will stick with the teachings of St. Bonaventure. As the Minister General of the Franciscan Order, he wrote several treatises on the subject. I stick especially with *Regula novitiorum* (Rule of life for novices), *De perfectione vitae ad sorores* (The Perfections of the Life) supplementing occasionally with the *Epistle continens viginti quinque momorialia* (letter containing twenty-five topics to be remembered).

Keywords: medieval history, education, St. Bonaventure.

Introdução

Cada época teve seu próprio modelo, ou melhor, seus próprios modelos de educação. Embora possamos dizer que a civilização ocidental, de um modo ou de outro, é toda ela devedora a uma visão cristã do mundo, contudo, é preciso levar em consideração o modo como essa visão se concretizou.

Os medievais, como sabemos, quase não escreveram tratados específicos sobre o tema, mas muito se preocuparam com a educação, como, aliás, toda a religião se preocupa, procurando formar devidamente os seguidores. Sendo teólogos, esses educadores medievais, e vivendo num mundo envolto pela placenta cultural da fé, à luz da fé, preocuparam-se eles com o que deveria ser ensinado e como deveria ser ensinado. Nisto não foram pioneiros, pois estava-lhes ao alcance da mão o *De catechizandis rudibus*, 'De como catequizar os simples', de Santo Agostinho, no qual o bispo de Hipona tratava

tanto dos problemas de linguagem e de comunicação, como do conteúdo a ser transmitido. E também não lhes eram desconhecidos os textos de Isidoro de Sevilha e de Beda, o Venerável, de São Bernardo e, principalmente o *Didascalion*, de Hugo de São Victor (2004).

No século XIII, dentro do mundo universitário, houve dois grandes pedagogos: o dominicano Vicente de Bauvais e o franciscano Gilberto de Tournai (NUNES, 1986). Vicente foi autor de uma vasta obra, na qual se salienta o *Speculum maius*, uma volumosa enciclopédia que procura tratar de todo o conhecimento de seu tempo. Importante também o *De eruditione filiorum nobilium* e o *De morali principis institutione*¹. Como texto de ensino, observa Rui A. C. Nunes, sem dúvida, o *De modo addiscendi*, de Gilberto de Tournai, é mais bem travejada que a de

¹Desta obra existe uma tradução espanhola, conforme consta nas referências.

Vicente². Gilberto sucedeu a Boaventura na cátedra de Paris e, a pedido deste, redigiu a *Collectio de Scandalis Ecclesie*.

No presente texto, volto-me para ensinamentos de Boaventura referentes à formação para a vida religiosa. Na qualidade de Ministro Geral da Ordem franciscana, redigiu diversos fascículos a respeito. Dentre eles, atendo-me principalmente a: *Regula novitiorum*, ‘Regra de vida dos noviços’, devendo-se ter em conta que o noviciado era - e é até hoje - o período inicial de formação dos religiosos. Para ingressar na vida consagrada ainda é exigido o mínimo de um ano de estágio probatório. Valho-me também da *Epistola continens viginti quinque memorialia*, ‘Carta contendo vinte e cinco temas a serem lembrados’, e do *De perfectione vitae ad sorores*, ‘A perfeição da vida, para as religiosas’. Também utilizarei outras obras do autor para complementar o que estou expondo.

Que é o homem

Boaventura foi um teólogo. Para compreendê-lo, deve-se, pois, examinar os pressupostos teológicos de seu pensamento. No caso específico, qual foi sua compreensão do que vem a ser o homem?

Dentro da tradição cristã que perpassou os séculos, ele afirma que o homem foi criado por Deus e elevado à santidade e à justiça. Por isso, Deus lhe conferiu a retidão de julgamento e de sindérese, bem como a ciência infusa, pela qual poderia conhecer e amar o Criador e conhecer também as obras divinas³. Por sua origem, portanto, a alma é um vestígio do Criador e uma imagem da Trindade, pois por suas faculdades mentais – memória, inteligência e vontade –, consubstanciais à sua essência, é capaz de se elevar ao ente infinito e agir à semelhança de Deus. Noutras palavras: ao ser criado, o homem, com o auxílio da graça, podia ver a Deus na luz da contemplação. Não se tratava de uma visão face a face, mas era algo muito superior ao que hoje lhe cabe, que é contemplar “[...] como que em espelho e enigma”, como diz são Paulo (*I Cor. 13, 12*).

Surgiu, então, o pecado. O livre-arbítrio levou o homem a agir em função de si mesmo, de seus próprios interesses, e não em vista de Deus. Houve, pois, uma ruptura na relação entre Deus e o homem, uma ruptura total. Isso obscureceu no homem o olho da contemplação (BOAVENTURA, 1983a, p. 2, c. 12, p. 49-50)⁴. O pecado primordial dos primeiros homens não foi algo que seus descendentes resolveram também cometer, pois eles já nasceram – e nascem – com ele, deixando-os privados da retidão original, lançando-os na ignorância, e submetendo-os ao domínio dos sentidos.

Principalmente a vontade foi atingida pelo pecado. Os pecados posteriores são um ato do livre-arbítrio, são uma decisão da pessoa. A alma tende, pelo pecado, não para o alto, mas para baixo, para o mundo dos sentidos. “E essa inclinação não indica apenas imperfeição, mas também uma espécie de curvatura da natureza e, por isso, uma desordem” (BOAVENTURA, 1983b, c.1, n. 7, p. 169)⁵.

Entregue a si mesmo, o homem não poderá jamais sair desta posição. Por natureza ele não só é incapaz de oferecer uma reparação adequada pelo pecado cometido, como também é incapaz “[...] de levantar-se, porque o curvado não se levanta por si para a retidão da justiça perfeita” (BOAVENTURA, 1983a, p. 5, c. 2, n. 3, p. 91)⁶. Torna-se necessária uma intervenção sobrenatural por parte de Deus, “[...] pois assim como toda a Trindade cria, dando a natureza, do mesmo modo recria, dando a graça” (BOAVENTURA, S. *Commentarium in Evangelium Lucae*. v. VII, c.1, n. 41)⁷. Esta renovação é obra do Verbo Encarnado que, sendo imagem de Deus, leva o homem à conformidade com Deus. Na graça santificante oferecida pelos sacramentos, e que são acompanhados pelas virtudes infusas e os dons do Espírito Santo, ele renova o homem no fundo de sua natureza.

Permanecendo no nível teológico, deve-se, pois dizer que não são as obras do homem que o salvam, mas é a graça divina, através das virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade; e é também a graça divina que torna meritórias as virtudes morais, às quais cabe retificar a atividade moral em tudo o que pode conduzir ao fim derradeiro. Mas, enquanto as virtudes teológicas são infusas junto com a graça, as virtudes

²De Gilberto, ao que consta, existe apenas uma tradução italiana dessa obra: Gilberto di Tournai (Guibertus Tornacensis) *De modo addiscendi* (GILBERTO DE TOURNAI, 1953). Importante, a respeito, o estudo de Nunes (1970). Trata-se de um volume de 227 páginas, mais ou menos desconhecido nos nossos meios acadêmicos. Para o que aqui nos interessa, é elucidativo o c. III [A Pedagogia de Gilberto de Tournai], p. 75-118. De Gilberto foi traduzido para o português: *Instrução dos reis e príncipes e Tratado sobre a Paz* (GILBERTO DE TOURNAI, 2008). Deste autor existe uma obra clássica, denunciando os escândalos da Igreja, *Collectio de Scandalis Ecclesie* (GILBERTO DE TOURNAI, 1930, 1931). Entretanto, Gilberto, amigo do rei Luis IX, tornou-se célebre, acima de tudo, pela pregação de uma nova cruzada.

³A respeito da compreensão do que vem a ser o homem, valho principalmente de Longpré (1937).

⁴As citações de *Breviloquium* (Brevilóquio), *Itinerarium mentis in Deum* (Itinerário da mente para Deus), *De perfectione vitae* [PV] (A perfeição da vida) e *Epistola continens viginti quinque memorialia* [EM] (Vinte e cinco memoriais sobre a vida espiritual), são tomadas do texto bilingue: São Boaventura (1983a, b, c e d).

⁵Pronitas non solum dicit imperfectionem, sed etiam quamdam naturae curvationem ac per hoc deordinationem. A palavra ‘curvatio’ é repetida em diversos outros escritos.

⁶Recurvus per se non assurgit ad rectitudinem perfectae iustitiae.

⁷Sicut tota Trinitas creat dando naturam, sic recreat dando gratiam.

morais, tal como as intelectuais, são provenientes da natureza, mas dependem da graça para se tornarem hábitos sobrenaturais.

A graça também se expande através da observância dos mandamentos, dos quais a maioria se refere ao próximo – e com isso nos mantemos ao nível de exigências válidas para a moral natural do homem. Do mesmo modo, o ‘Sermão da Montanha’, que tão bem conhecemos, é anúncio do reino de Deus, mas é também um projeto de vida a ser seguido por todos. Recordemos o que Jesus disse:

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de Justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão a Misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a face e Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da Justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem, perseguirem e mentirem, dizendo todo mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande vosso galardão nos céus, porque assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós (Mt. 5, 1-12).

E assim encontramos o laço de união entre o sobrenatural e o natural: no amor ao próximo: Os pobres, os que choram, os famintos, os puros de coração, os construtores da paz, os injuriados e perseguidos são os que nos desafiam; e de pouco adiantaria dizer que eles são filhos de Deus, se não nos preocupássemos com sua sorte nesta vida.

O teólogo e místico Boaventura, dentro da tradição cristã, na trilha da mística grega, afirma que o homem, para chegar à perfeição, precisa percorrer três vias ascendentes: a purgativa, a iluminativa e a perfectiva. São caminhos para se chegar à contemplação de Deus, mas neles existe muito de esforço humano. Em cada um desses caminhos o homem é chamado à meditação, à oração à contemplação e à prática das virtudes.

Após esse preâmbulo, apontemos agora quais as principais recomendações de Boaventura a seus confrades e confreiras, a fim de atingirem a perfeição.

A meditação - O conhecimento de si mesmo - A contemplação

Tanto no Ocidente como no Oriente sempre se reservou à meditação um espaço especial. Ela é um caminho para o autoconhecimento. A respeito, ele

afirma que meditar é um chamado a todas as faculdades da alma, a fim de se ordenarem para alcançar a perfeição. Mas

[...] distraído pelas solitudes da vida, o espírito humano não entra em si mesmo pela memória; obnubilado pelos fantasmas da imaginação, ele não retorna por si mesmo à inteligência; prisioneiro da concupiscência, ele não retorna para si mesmo pelo desejo da suavidade interior e da alegria espiritual. Mergulhado totalmente nas coisas visíveis, é incapaz de entrar em si mesmo e penetrar até a imagem de Deus em seu íntimo. Deste modo, miserável que é, ignora e desconhece a si mesmo (BOAVENTURA, 1983c, c. 1).⁸

Na mesma direção, escrevendo às religiosas (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 408-410), Boaventura afirma que aquele que deseja chegar ao cume da perfeição deve olhar para si mesmo – penetrar no íntimo de sua consciência –, para ver se encontra defeitos, como os hábitos maus, as afeições, as obras más, e descobrir se houve negligência na oração, no emprego do tempo, na leitura espiritual, na penitência etc. Para ver também se em seu coração não domina a concupiscência, a voluptuosidade, a curiosidade e a vaidade; para ver se não impera a cólera, a inveja ou a acédia.

Quando se poderia esperar que o capítulo dirigido às freiras estivesse chegando ao final, eis que desponta o Agostinho que soe, aliás, se esconder por trás de Boaventura, dizendo às religiosas que para chegar ao perfeito conhecimento: “[...] regressa a ti mesma, entra no teu coração, apreende a conhecer teu espírito” (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 409)⁹. A prática desse exercício leva a religiosa a encontrar um tesouro oculto. Quem não se conhece a si mesmo, não pode ter uma ideia exata de si e

[...] ignora por completo que conceito deva fazer sobre o espírito angélico e o divino quem não reflete antes sobre o seu próprio espírito. Se ainda não és capaz de entrar dentro de ti mesma, como serás capaz de te elevares a coisas que estão acima de ti? (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 410).¹⁰

E acrescenta que, caso a religiosa deseje elevar-se ao terceiro céu, como o fez São Paulo (*II Cor.* 12,2), deverá antes passar pelo primeiro, isto é, pelo próprio coração. Mas, para tanto, torna-se preciso ir além do mundo das

⁸Quia mens hominis sollicitudinibus distracta, non intrat ad se per memoriam; quia phantasmatis obnubilata, non redit ad ser per intelligentiam; quia concupiscentiis illicitis illecta, ad se nequaquam revertitur per desiderium suavitatis internae et letitiae spiritualis; ideo totaliter in his sensibilibus iacens, non potest ad se tanquam ad Dei imaginem intrare, et sic totus miser se ipsam ignorat et nescit.

⁹Redeas ad temetipsum, intres in cor tuum, discas aestimare spiritum tuum. O texto é atribuído pelos editores a S. Bernardo).

¹⁰Nescit omnino, nescit quid de spiritu angelico, quid de divino sentire debeat qui spiritum suum prius non cogitat. Si nondum idonea es redire ad te ipsam, quomodo ad illa rimanda idonea eris, quae sunt super temetipsam.

coisas sensíveis, pois quem nelas fica mergulhado “[...] é incapaz de entrar em si mesmo e penetrar até a imagem de Deus em seu íntimo” (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 410)¹¹. Não precisa ser um grande conhecedor de Santo Agostinho para ver no parágrafo acima, com toda sua riqueza, o ensinamento de Agostinho sobre a interioridade.

Numa frase de sabor plotiniano e agostiniano, diz E. Longpré que, para Boaventura, o fim de todos esses esforços é atingir

[...] a contemplação, que é o conhecimento experimental de Deus, no qual, por intermédio do dom da sabedoria, a alma desfruta do sentimento intuitivo de sua união amorosa com Deus (LONGPRÉ, 1937, col. 1797, tradução nossa).¹²

O Ofício Divino

Como seria de esperar de um religioso que fala para os candidatos à Ordem, o texto da *Regula novitiorum* inicia tratando da oração. De fato, nada existe de mais fácil para se compreender e de mais fundamental para a vida cristã do que a oração. Ela dispensa maiores explicações e qualquer fiel, por mais simples que seja, mesmo sem a menor educação escolar, sabe o que é rezar.

Contudo, Boaventura, em vez de começar tratando da oração em geral, fala inicialmente da recitação do ofício divino. Esta era – e continua sendo – a oração da comunidade, feita todos os dias, com horários marcados. Iniciava-se com as *Matinas* e as *Laudes*, geralmente na madrugada. Seguiam-se, depois, a *Prima*, ao clarear do dia, a *Tertia*, a *Sexta* e a *Nona*, durante o dia, as *Vésperas*, ao entardecer, e as *Completas*, antes de dormir. Os horários podiam variar e, no decorrer dos tempos, também a estrutura sofreu pequenas alterações, sendo as últimas introduzidas após o Concílio Vaticano II.

Numa reza em comum, facilmente poderia acontecer que alguém se distraísse e, mesmo assim, continuasse pronunciado as palavras. O pensamento para um lado, e as palavras para outro, ou, como dizia São Bernardo, aqui citado por Boaventura: “Grande abuso é ter a boca no coro e o coração no foro” (BOAVENTURA, 1898, c. 1; VIII, p. 475)¹³. Humildade, reverência e temor devem estar presentes ao se pronunciarem as palavras e o frade deve se esforçar por compreendê-las; se, contudo, não o conseguir, cabe-lhe acolhê-las com a reverência de que é digna a palavra de Deus. Além disso, é preciso manter compostura no corpo e, por isso, diz ele:

Quando estiveres rezando o ofício, deves ser tão correto, que nunca olhes para os que estão ao redor, e nem fales com algum deles nesse lugar, mas, com a cabeça um pouco inclinada, os olhos voltados para baixo, tenhas as mãos à tua frente ou a modo de cruz, ou uma mão sobre a outra colocada sobre o peito, nunca, porém, sobre o ventre, e nunca as coloques em lugar desonesto, tendo presente que não te encontras apenas diante dos frades, mas também de Deus e seus anjos (BOAVENTURA, 1898, c. 1; VIII, p. 476).¹⁴

A fim de compreender esse texto deve-se ter presente que para a recitação do ofício, o grupo era e é dividido a em dois coros, que se alternam na recitação dos salmos e de algumas outras orações. Hoje, cada frade possui seu próprio livro, mas antes da descoberta da imprensa e do papel – e mesmo depois – cada coro tinha os religiosos agrupados, em pé, lendo todos em uma grande página. Para tanto, era preciso que ficassem uns muito próximos dos outros.

Boaventura conclui recomendando a diligência, a fim de que não sejam puladas algumas palavras e, mais ainda, para que não haja confusão na leitura, e sejam ditas palavras que provocam riso.

A oração em geral - A confissão – A comunhão

Esse capítulo é aberto com palavras de Jesus: “É necessário sempre rezar e nunca cessar” (Lc. 18, 1). O comentário de Boaventura é típico dele, para quem a oração não é somente o dirigir preces a Deus, mas é também a leitura, a meditação e o trabalho, pois, como ele diz, citando a glosa a ‘Lucas’, 18,1: “Não cessa de orar quem faz o bem” (BOAVENTURA, 1898, c. 1; VIII, p. 476)¹⁵. Mas, a oração exige da pessoa uma preparação, a fim de não se assemelhar a uma espécie de tentação a Deus, e quem assim procede “[...] não é rezador piedoso, mas ladrador de palavras” (BOAVENTURA, 1898, c. 1; VIII, p. 477)¹⁶. Diz ele alhures:

É requisito indispensável à oração perfeita, que teu espírito não pense, durante a oração, em outra coisa senão naquilo que oras. Seria indecorosíssimo falar alguém a Deus com a boca, enquanto o coração se ocupa em outra coisa; dirigir, por assim dizer, metade do coração ao céu e reter outra metade na terra (BOAVENTURA, 1983c, c. 5, p. 424).¹⁷

¹⁴[...] et quandiu stas in officio, taliter sis honestus, ut nunquam respicias circumstantes nec cum aliquo loquaris ibidem, sed capite aliquantulum inclinato, oculis demissis, manus habeas ante te aut in modum crucis, aut manum in manu ante pectus positam, nunquam autem in sinu vel in inhonesto loco portes, cogitans, te esse non solum coram fratribus, sed etiam coram Deo et angelis suis.

¹⁵Non enim cessat orare qui non cessat bene facere.

¹⁶[...] devotus orator, sed potius verborum latrator.

¹⁷Quod ad perfectionem orationis necessario requiritur, est, ut animus tuus nihil aliud in oratione cogitet praeter id solum, quod precaris. Valde enim indecens est, ut quis cum Deo loquatur ore et aliud meditetur corde, ut dimidium cor dirigatur in caelum, et dimidium retineatur in terris.

¹¹[...] ideo totaliter in his sensibilibus [spiritus] iacens, non potest ad se tanquam ad Dei imaginem intrare et sic totus miser se ipsum ignorat et nescit.

¹²Longpré (1937), toma esse texto de R. d’Alost, sem indicação de fonte.

¹³Magna abusio est habere os in choro e cor in foro.

O que segue pode ser classificado como uma antropologia teológica de Boaventura, na qual sobressai o papel relevante atribuído a Cristo, como intermediário entre Deus e o homem. Diz ele, em primeiro lugar, que o orante é como uma árvore que, por natureza, tende a crescer rumo às alturas. Ora, a alma invisível que se volta para o Deus invisível deve se manter no nível do invisível, permanecendo afastada das coisas exteriores (dos sentidos), tal como recomenda Jesus ao dizer: “Tu, porém, quando rezares, entra em teu quarto e, fechada a porta, reza para teu Pai” (*Mt. 6,6*).

Mas ninguém sobe até Deus pela contemplação, sem antes descer através da humildade, que lhe possibilita conhecer a própria pequenez: de um lado, a imensidão divina do Criador onipotente; de outro, a enfermidade e mortalidade da criatura. Ensina a Bíblia que o princípio de todos os pecados é a soberba; o que significa dizer que o oposto da soberba, a humildade, é o fundamento de todas as virtudes (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 411). Ninguém, pois, é virtuoso, se não possui humildade, porque “[...] quem reúne virtudes sem humildade é como quem varre o pó ao vento” (BOAVENTURA, 1983c, c. 1, p. 411)¹⁸. Boaventura, nos passos de Agostinho e Bernardo, percebe como esta virtude possui algo de específico, que a distingue das outras: o verdadeiro humilde é aquele que é reputado como vil, não o que é elogiado como humilde. Caso contrário, está-se a apreender a soberba na escola da humildade. E, entre a grandeza de Deus e a pequenez do homem, situa-se a figura de Cristo, mediador entre Deus e o homem, que nos possibilita, pela oração, ascender mentalmente de nossa miséria ao ‘colégio dos eleitos’. Em Cristo encontramos a resposta para todas nossas perguntas, encontramos todo o bem que procuramos. Longe dele está a infelicidade.

Que mais buscamos ainda? O que esperamos? Que desejamos? Nesse único temos todos os bens. Mas ai! Ó insânia nossa admirável! Ó enfermidade miserável! Ó desvario detestável! Pois somos chamados para o descanso, e procuramos o trabalho; convidados para o consolo, e buscamos a dor; é-nos prometido gozo, e apreciamos a tristeza (BOAVENTURA, 1983d, p. 492).¹⁹

Por serem assuntos mais teológicos, deixo de lado o texto sobre a confissão e sobre a comunhão. Observo apenas que Boaventura, mantendo-se dentro da tradição, e longe do que se atribuiu posteriormente à

prática da Igreja, jamais aceitou a confissão como algo automático, onde o pecador diz o que cometeu e o sacerdote absolve. A confissão exige arrependimento e propósito. E os pecados são elencados por Boaventura dentro de uma ordem: primeiramente em relação a Deus; depois, com referência à falta de caridade para o próximo; enfim, aqueles que atingem diretamente o indivíduo, como o ócio, a gula, o orgulho, etc.

As refeições

Quanto à refeição, há algo que não pode ser esquecido: os frades eram mendicantes e o que comiam era doado pelos fiéis. Cabia-lhes, pois, antes da refeição, fazer um exame de consciência, perguntando se eram dignos de comer aquilo que lhes fora oferecido. E que dizer então de alguém que, ao esmolar, ficasse falando com os fiéis a respeito de guerras, de regiões longínquas, ou ficasse ocioso? Também havia o costume, e até hoje permanece em muitos conventos, de, durante a refeição, se fazer uma leitura da Bíblia, de obras dos Padres da Igreja ou de livros de formação. O significado dessa leitura se explica com uma citação de São Bernardo:

Quando comeres, não todo comas, mas ouça a leitura ou pensa no Senhor, a fim de que ambos os homens [o espiritual e o carnal] sejam refeitos por sua própria refeição (BOAVENTURA, 1898, c. 1; VIII, p. 481).²⁰

À mesa há também normas de educação a serem seguidas, tais como não ficar olhando quanto o vizinho come; comer lentamente e com moderação; não ser nem o primeiro a iniciar a refeição nem o último a concluir; que não haja sobras de comida; que se evitem as conversas desnecessárias.

A refeição serve também como local de abstinência, tanto de bebida como de comida. De fato, como diz o texto bíblico: “Por causa da bebedeira muitos morreram; já aquele que se abstém, aumenta os dias de vida” (*Edi. 37, 34*). Deve-se comer não devido ao sabor, mas à fome, e onde inexistente moderação, tanto de vinho como de alimento, lá reina também a libido e a fúria. Nem cabe a um frade procurar alimentos finos. Tal como em nossos dias a medicina receita ao enfermo alguns alimentos e desaconselha outros, também naqueles tempos os conhecimentos médicos tinham suas receitas. Assim, por exemplo, indicava-se o pão branco de trigo, alimento dos ricos, para pessoas convalescentes, e o pão de centeio ou de cevada como alimento normal para os pobres. Vejamos o texto:

Cuidado para não procurar coisas especiais e raras para ti, mas, quando estás são, contenta-te com os alimentos comuns, como o vinho, o pão e alguma

¹⁸Trata-se de uma citação do papa Gregório Magno (1857).

¹⁹Quid amplius quaerimus, quid expectamus, quid desideramus? In hoc enim uno habemus omnia bona. Sed heu, o insania mirabilis! O infirmitas miserabilis! O vesania detestabilis! Nam vocamur ad requiem, et sequimur laborem; invitamur ad solatium, et quaerimus dolorem; promittitur nobis gaudium, et appetimus moerorem.

²⁰Cum comedis, non totus comedas, sed attendas lectioni, si fueris in loco, ubi legatur; si vero non legitur, ibidem cogita de Deo, ut uterque homo sit propria refectio reflectus.

coisa cozida; e se algo a mais te for oferecido, e se necessitas disso, aceita-o com moderação, como ‘convém ao servo de Deus e seguidor da santíssima pobreza (BOAVENTURA, 1898, c.1; VIII, p. 482).²¹

Aquilo que é oferecido a mais do que o necessário, deve ser recusado e, no período de abstinência, como na Quaresma, no Advento e em outras datas, somente se pode transgredir os limites em caso de necessidade ou de doença. Mas cabe aqui recordar como São Francisco tratou um jovem noviço faminto. Estava-se no período da Quaresma, que os frades observavam com muito rigor. Mas eis que, certa noite, inesperadamente, um noviço começou a gritar: ‘Eu morro, eu morro’. Logo vieram os confrades socorrê-lo e perguntaram-lhe do que estava morrendo, e ele respondeu: ‘De fome’. Frei Francisco não teve dúvida: tomou-o pelo braço, foi para a cozinha e se alimentou juntamente com o noviço. No dia seguinte, os demais religiosos perguntaram a ele por que fora jantar, altas horas, juntamente com o jovem, e Francisco lhes respondeu mais ou menos nas seguintes palavras: ‘Para que ele não ficasse com vergonha de ser o único incapaz de não observar o jejum’. Noutras palavras: na ordem das virtudes a serem praticadas, a caridade está bem acima do jejum.

Os serviços – A honestidade de vida – O falar com os leigos

Os frades devem também estar disponíveis para os mais diversos serviços, alguns deles de cunho totalmente religioso, como o de ser assistente do celebrante durante a missa. Outros se voltam mais à caridade para com o próximo. A respeito, diz Boaventura:

Os demais serviços, que são de necessidade e utilidade, faça-os de tão boa vontade como os outros, como lavar os panos, os pratos, as túnicas, os pés e a cabeça dos enfermos e de outros, se for o caso. E quando fores com os frades para algum trabalho, cuida te para não falar, a não ser que sejas interrogado [...] Quanto aos enfermos, debes frequente e sollicitamente visitá-los aos menos duas ou três vezes por dia, propondo-se a auxiliá-los, se for preciso, tal como se encontra na Regra, onde diz que ‘os frades devem servi-los assim como gostariam de ser servidos (BOAVENTURA, 1898,c.1;VIII,p. 484).²²

A oração, a leitura de textos piedosos e o trabalho devem servir para afugentar o ócio, pois, como diz o texto sagrado (*Ecli.* 33, 29): “O ócio ensinou muitos males”. O cuidado com os anciãos, os estranhos e os doentes deve ocupar boa parte do tempo, e o restante deste serve para retirar-se à cela a fim de rezar e ler. Na ‘Epistola’, voltando ao tema, insiste dizendo que o frade deve fugir da acedia e da tristeza²³. Diz Boaventura: “Afastando com sumo esforço toda a frigidez da acedia e da tristeza, vive sempre tranquilo e sereno, tanto no interior como no exterior” (BOAVENTURA, 1983d, p. 495)²⁴.

Isso tudo deve levar a um modo honesto de viver. Para tanto, diz ele, deve-se, primeiramente, rezar a Deus. Depois, seguem-se diversos conselhos.

Procura evitar sempre as palavras ociosas e não honestas, e não as profiras e não ouças quem as profere [...] Cuida das brincadeiras com as mãos, principalmente com os jovens; evita as reuniões dos ociosos e dos jogadores, bem como as lisonjas dos bajuladores e recusa os presentes. [...] Nunca fales com alguém a não ser palavras premeditadas, ordenadas, úteis e honestas. Evita sempre as duplicidades e simulações no falar. [...] Quando alguém te ofender, não lhe respondas. [...] Quando andas pela casa, ou fora, tenhas sempre um caminhar manso, as mãos contidas, os olhos abaixados, estáveis e não divagantes. [...] E quando vires os frades falando de algo, que não de Deus ou da Divina Escritura, afasta-te de imediato, principalmente se cochicham sobre algo, ou falam de guerras (BOAVENTURA, 1898, c. 1, p. 485)²⁵.

Precioso é também o silêncio. As ordens religiosas previam horários durante os quais ele deveria ser observado, como, por exemplo, desde a oração da noite (o *Completório*) até após a recitação da *Tertia* (pela manhã, após a missa). Espera-se de um frade que evite as palavras ociosas, das quais se passa facilmente para as nocivas e perigosas. Falando às religiosas, diz ele que, pelo silêncio conserva-se a paz do coração e do corpo. Graças a ele, a pessoa não precisa de outro consolador, pois está meditando sobre as coisas celestes.

²³‘Acedia’ é palavra incorporada à Teologia Moral não tendo uma definição precisa. Ela indica indolência, preguiça e mesmo aversão para operar o bem (Nota do Autor)

²⁴[...] a te ipso summo studio depellens, interius exteriusque serenus semper et tranquillus existas.

²⁵Deinde stude semper omnia verba otiosa et inhonesta vitare, ut ea non proferas nec audias proferentes [...] Cave ludum manibus, maxime cum iuvenibus, devita otiosorum et ludentium conventicula, et adulatorum blandimenta deride et dona contemne. [...] Colloquia susurrorum et murmuratorum, bilinguim et detractorum semper abhorre. [...] Nunquam loquaris com aliquo nisi verbum praemeditatum, ordinatum, utile et honestum [...] Et quodcumque aliquis te offenderit, non respondeas ei [...]. Item, quando vadis per domum vel extra, semper habeas gressum mitem, manus continentes, oculos demissos, stabiles, non vagantes [...]. Et quando vides fratres loquentes de aliquo, non de Deo, et de divina Scriptura, statim recede, maxime si murmurant de aliquo, vel loquuntur de gueris.

²¹‘Et cave, ne de cetero specialitatem vel singularitatem tibi procures; sed omni tempore, quando sanus es, his cibariis esto contentus, ut pane et vino et coquina tantum; et si tibi aliud apponatur, si indiges, accipias moderate, sicut ‘decet servum Dei et paupertatis santissimae sectatorem. O final da frase é tomado do c. 5 da Regra de São Francisco (Francisco de Assis, 1983, p. 135).

²²Alia autem servitia, quae sunt necessitatis et utilitatis, libentius facias quam alia, sicut est lavare pannos, paropsides, tunicas et pedes infirmorum et aliorum et capita, cum oportebit, et similia. Cum fueris cum fratribus pro aliquo servitio faciando, cave, ne loquaris ibidem, nisi forte interrogatus [...]. Infirmos vero debes frequenter et sollicitate visitare, saltem bis vel ter in die cum exhibitione servitii, si oportet, sicut in Regula continetur quod ‘fratres debent eis servire sicut vellent sibi serviri.

Se um homem vive na Alemanha, mas não fala a língua alemã, parece não ser alemão. Da mesma forma, quem vive no mundo, mas não tem a linguagem mundana, evidentemente mostra que não é do mundo (BOAVENTURA, 1983c, c. 4, p. 421).²⁶

Com isso ele não está pregando um silêncio sepulcral, mas uma disciplina do silêncio, pela qual a conversa se reduz ao mínimo necessário e evita, por todas as formas, exceder-se, “[...] a fim de não cair na murmuração, na mentira, na detração, na jactância na adulação, na revelação de segredos e tantos outros males” (BOAVENTURA, 1983c, c. 4, p. 420). Um falar onde, mais que a eloquência, brilhe o pudor, porque, no dizer de Sêneca, “Para atingires a mais alta perfeição, convém que fales brevemente, raramente, e com voz abafada” (BOAVENTURA, 1983c, c. 4, p. 421).²⁷

O noviço deve tomar precauções ao falar com os leigos, evitando o mais possível. Quando for necessário, falar então de coisas úteis e honestas, não de frivolidades inúteis.

Maior atenção, porém, deve ser dada ao trato com as mulheres. Ouçamos o autor:

Evita quanto puderes as mulheres, como se evitas as serpentes, e nunca fales com alguma não ser que a necessidade urgente te obrigue; e nunca olhes no rosto de alguma mulher, e se alguma falar contigo, corta-lhe imediatamente a palavra. [...] Pois, como diz Agostinho: ‘Deve-se ter uma conversa áspera, breve e rígida com as mulheres. E se são santas, nem por isso devem ser menos evitadas, pois quanto mais santas forem, tanto mais aliciam e sob o pretexto de um meigo linguajar introduz-se o veneno de uma luxúria impiíssima’. Foge, pois, das armadilhas das mulheres, porque não és mais santo que Davi, nem mais forte que Sansão, nem mais sábio que Salomão (BOAVENTURA, 1898, p. 487).²⁸

Noutro texto diz ele: “Onde encontrares mulheres e jovens imberbes, debes evitar o convívio com eles, a não ser por causa de necessidade ou em caso de manifesta utilidade” (BOAVENTURA, 1983d, p. 494).²⁹

Essa linguagem com relação às mulheres não é invenção de Boaventura. Quase toda a tradição cristã falou dessa maneira, e assim se manteve até há

poucos anos. E é compreensível: deixar jovens frades se aproximar das mulheres, era meio caminho andado para a perda da vocação. Mas não deixa de ser lamentável que, para manter a castidade dos jovens, a mulher fosse descrita com estas cores. Seguramente, não foi assim que Jesus as tratou; como também não foi assim que São Francisco as tratou, ele que permitiu a Jaquelina de Settesoli entrar na clausura, e que amou Santa Clara com tão intenso amor.

O candidato à vida religiosa deve seguir ao pé da letra o ensinamento do Evangelho, que diz: “Não julgueis e não sereis julgados” (BIBLIA, 2010, Mt. 7, 1). Quando se observa que alguém errou, é melhor, antes, olhar para si mesmo, pois é muito fácil ver os defeitos dos outros e ignorar os próprios. Em muitos casos é possível que exista uma desculpa, pois o erro pode vir da ignorância, do acaso, e até mesmo da boa intenção.

Os votos religiosos

Enfim, *last but not least*, a vida religiosa implica na observância dos três votos: obediência, pobreza e castidade. Boaventura não trata aqui do voto de castidade, talvez porque, por diversas vezes, acima, se referiu a ele.

Como nos outros temas tratados, Jesus é modelo também no caso da obediência. Ele, que era Deus, “[...] aniquilou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte” (Fl. 2, 5-7). Do mesmo modo, quem abandonou o mundo, não entrou para a vida religiosa a fim de fazer a própria vontade, mas a vontade de Deus, expressa pela voz do superior.

A pobreza, não por nada, é a última a ser tratada. Ela é “[...] o fundamento primeiro de todo o edifício espiritual” (BOAVENTURA, 1898, p. 489).³⁰ Essa é uma inovação franciscana, que toma o seguimento de Cristo, em primeiro lugar, como um seguimento na pobreza. Imitando a São Francisco, deve-se, pois, estar despojado de todos os bens, e quanto mais despojado se é, mas livre se é para amar a Deus e ao próximo. Faz sentido que a primeira bem-aventurança, anunciada por Cristo no Sermão da Montanha, diga: “Bem-aventurados os pobres porque deles é o reino dos céus” (Mt. 5, 3). Na pobreza se inclui o abandono de si mesmo, a aspereza da vida, a disponibilidade para com o próximo e outras virtudes (BOAVENTURA, 1983d, p. 493). Ser pobre não é apenas não possuir bens materiais, pois alguém pode ser despojado deles e, no entanto, viver voltado para a aquisição dos mesmos. A pobreza se radica no espírito, não na simples falta de bens.

²⁶Si sit homo in Theutonia et non loquitur Theutonice, videtur quod non sit Theutonicum; sic qui est in mundo et mundana non loquitur evidenter demonstrat, se non esse de mundo.

²⁷A citação de Sêneca (1832) provém da Epístola 40, p. 96.

²⁸Mulieres vero fugias, quantum potes, sicut serpentes, et nunquam loquaris cum aliqua, nisi urgens necessitas te compellat, nec unquam respicias in faciem alicuius mulieris, et si mulier tecum loquatur, verba sua citissime circumcide. [...] Ideo dicit Augustinus: ‘Asper sermo, brevis et rigidus cum mulieribus habendus est. Nec tamen quia sanctae sunt, ideo minus cavendae; quo enim sanctorum fuerint eo magis alliciunt, et sub praetextu blandi sermonis immiscet se viscus impiissimae libidinis. [...] Fuge ergo laqueos mulierum, quia non est David sanctorum, nec Sansone fortior, nec sapientior Salomone.

²⁹Et ubicumque mulieres omnes juvenesque imberbes praeter necessitatis vel manifestae utilitatis causam devites.

³⁰Cum paupertas voluntaria sit totius spiritualis aedificii primum fundamentum.

Se a caridade é a essência da perfeição evangélica, a pobreza é o fundamento obrigatório e sublime. E a razão fundamental é de que somente ela exclui radicalmente a cupidez, que é o veneno da caridade. E assim como a raiz de todos os males é a cupidez, assim também a raiz e princípio da perfeição é a altíssima pobreza (LONGPRÉ, 1937, Lc., c. 7, n. 14; VII, p. 175, tradução nossa).³¹

Esse modo de encarar a vida cristã como vida de pobreza, será causa assumida pelos diversos pensadores franciscanos e por grupos dentro da Ordem, que desejavam manter o espírito primigênio dela, tal como proposto por São Francisco. Argumentavam os teólogos franciscanos que, quando um jovem perguntou a Jesus o que deveria fazer para alcançar a vida eterna, o mestre lhe respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu” (Mt. 19, 21). Não disse ao jovem que praticasse a caridade, que orasse, que jejuasse, mas sim que desse os bens aos pobres e depois o seguisse. Cristo foi o modelo primeiro dessa pobreza: não teve casa para nascer, não tinha “[...] onde reclinar a cabeça” (Mt. 8, 20) e, ao morrer, foi despojado de suas vestes. Como diz Dante Alighieri, Maria ficou aos pés da cruz, enquanto a pobreza chorou pregada com Jesus (DANTE, 2004, XI, 70-71)³². Ela, viúva por do primeiro marido, permaneceu esquecida por 1.100 anos, até encontrar Francisco (DANTE, 2004, XI 64-66)³³.

Considerações finais

Como dissemos, nestes textos Boaventura está interessado em formar o frade e/ou a religiosa, ou, noutras palavras, ele está interessado em levar à perfeição de vida cristã aqueles que a ela se candidatam. Nisso ele possui algo em comum com modelos do passado, como o ideal de vida da Stoa, do neoplatonismo de Plotino, ou do ascetismo dos monges budistas. Mas há entre eles uma grande diferença: para o cristão, a perfeição somente é alcançada através da graça. Por isso, sua pedagogia está sempre no umbral entre o material e o espiritual. As virtudes naturais que ele recomenda não se esgotam em si mesmas, nem na comunidade humana; elas se voltam sempre para o que as transcende, isto é, para o fim último do homem, que é a contemplação da divindade face a face.

Nisso, porém, nada existe que se possa classificar como elitismo, ou algo semelhante. Embora ele se

volte especificamente àqueles que desejam seguir pelo caminho da vida religiosa, tomando a essa como uma via de perfeição, ele se dirige a todos os que querem seguir a Jesus mais de perto, sejam nobres ou plebeus, ricos ou pobres, doutos ou ignorantes. A fonte que o alimenta é o Evangelho, anúncio da boa nova, o ensinamento de Jesus; e o modelo que o inspira é a pessoa de Francisco de Assis.

Referências

- AGOSTINHO, S. **A Instrução dos catecúmenos (De catechizandis rudibus)**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BÍBLIA. (Português). **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Paulus, 2010.
- BOAVENTURA, S. **Commentarium in Evangelium Lucae. Opera Omnia**. Quaracchi: Coll. San Bonaventura, 1896. v. VII, 1-604.
- BOAVENTURA, S. **Regula Novitiorum. Opera omnia**. Quaracchi: Coll. S. Bonaventura, 1898. v. VIII, p. 475-490.
- BOAVENTURA, S. **Breviloquium. Breviloquio**. In: DE BONI, L. A. (Ed.). **São Boaventura - Obras escolhidas**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS/Sulina, 1983a. p. 1-161.
- BOAVENTURA, S. **Itinerarium mentis in Deum**. Itinerário da mente para Deus. In: DE BONI, L. A. (Ed.). **São Boaventura - Obras escolhidas**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS/Sulina, 1983b. p.163-203.
- BOAVENTURA, S. **De perfectione vitae ad sorores**. A perfeição da vida. In: DE BONI, L. A. (Ed.). **São Boaventura - Obras escolhidas**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS/Sulina, 1983c. p. 405-438.
- BOAVENTURA, S. **Epistola continens viginti quinque memorialia**. Vinte e cinco memoriais sobre a vida espiritual. In: DE BONI, L. A. (Ed.). **São Boaventura - Obras escolhidas**. Porto Alegre/Caxias do Sul: EST/UCS/Sulina, 1983d. p. 455-468.
- DANTE A. **Divina Commedia**. Paradiso. Canto 11. Milano: Classici Bur, 2004.
- FRANCISCO DE ASSIS. S. **Escritos e biografias de São Francisco de Assis**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GILBERTO DE TOURNAI. **Collectio de Scandalis Ecclesie**, STROIK, A. (Ed.). **Archivum Franciscanum Historicum**. Quaracchi: Coll. San Bonaventura, n. 23 (1930), p. 3-41; 273-299; 433-466; n. 24 (1931), p. 33-62.
- GILBERTO DE TOURNAI. **De modo addiscendi**. Tradução de E. Bonifacio. Roma: Pontifício Ateneo Salesiano, 1953.
- GILBERTO DE TOURNAI. **Instrução dos reis e príncipes e Tratado sobre a paz**. Tradução de Frei Ary Pintarelli, Porto Alegre/Bragança Paulista: Educ/Edusf, 2008. (Coleção Pensamento Franciscano).
- GREGÓRIO MAGNO. **Homilia in Evangelium, 7, n. 4**. Paris: Migne, 1857. (col. 842, Patrologia Latina, v. 76).
- HUGO DE SÃO VICTOR. **Didascalicon**: da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LONGPRÉ, E. **Bonaventure (Saint)**. Dictionnaire de spiritualité. Paris: Beauchesne, 1937. v. I (col. 1765-1844).

³¹Si igitur fundamentum perfectionis civitatis Dei principaliter consistit in caritate et illa potissima est perfecta quando omnis excluditur cupiditas, hanc autem cupiditatem omnino foras mittit qui omnino omnia relinquit re et voluntate, sicut radix omnium malorum est cupiditas, sic radix et principium perfectionis est altissima paupertas (BOAVENTURA, 1896, p. 175; LONGPRÉ, 1937, onde há referência a outros textos de Boaventura a respeito da pobreza).

³²[...] dove Maria rimase giusto / Ella con Cristo pianse in su la Croce.

³³Questa [a pobreza], privata del primo marito, / millecent'anni e più dispetta e scura / fino a costui stete senza invito.

NUNES, R. A. C. **A formação intelectual segundo Gilberto de Tournai**. São Paulo: MEC/INEP, 1970.

NUNES, R. A. C. Guilherme de Tournai e a educação dos meninos. **Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações**, v. 13, n. 38, p. 31-49, 1986.

SÊNECA, L. E. L. **Annaei Seneca, Philosophi. Epistolae. Opera omnia**. v. III. Lipsiae [Leipzig]: C. Tauchnitii, 1832.

VICENTE DE BEAUVAIS. **De eruditione filiorum nobilium**: Tratado sobre la formación de los hijos de los nobles (1246). Introducción, estudio preliminar, traducción y notas de I. Adeva y J. Vergara. Madrid: BAC, 2011.

VICENTE DE BEAUVAIS. **Speculum maius**. O grande espelho. Essa obra subdivide-se em *Speculum Naturale*, *Speculum Doctrinale*, *Speculum Historiale* e ainda acrescenta-se o apócrifo *Speculum Morale*. [s.l.: s.n, 19-?, 20-?].

VICENTE DE BEAUVAIS. **Tratado sobre la educación moral del príncipe** (*De morali principis institutione*). Traducción del latín medieval y notas a cargo de Irina Nanu. Universitat de Barcelona. Disponível em: <<http://parnaseo.uv.es/Memorabilia/Memorabilia7/Irina/index.htm#arriba>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

Received on November 21, 2012.

Accepted on November 29, 2012.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.